



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CAMPUS VII – SENHOR DO BONFIM
COLEGIADO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

EDNA SOUZA DOS SANTOS

**A COMERCIALIZAÇÃO DA AVIFAUNA SILVESTRES NA FEIRA LIVRE DO
MUNICÍPIO DE ITIÚBA-BA**

**SENHOR DO BONFIM, BA
2016**

EDNA SOUZA DOS SANTOS

**A COMERCIALIZAÇÃO DA AVIFAUNA SILVESTRES NA FEIRA LIVRE DO
MUNICÍPIO DE ITIÚBA-BA**

Trabalho apresentado ao Colegiado de Ciências Biológicas do Departamento de Educação, Campus VII, da Universidade do Estado da Bahia como um dos requisitos para a obtenção do título de Licencianda em Ciências Biológicas.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Cristiana de Cerqueira Silva Santana

SENHOR DO BONFIM, BA
2016

EDNA SOUZA DOS SANTOS

**A COMERCIALIZAÇÃO DA AVIFAUNA SILVESTRES NA FEIRA LIVRE DO
MUNICÍPIO DE ITIÚBA-BA**

Trabalho de conclusão de curso submetido à Universidade do Estado da Bahia,
Departamento de Educação, Campus VII, como requisito para aprovação na
disciplina Monografia e obtenção do título de Licencianda em Ciências Biológicas.

Aprovada em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Cristiana de Cerqueira Silva Santana (Orientadora)
Universidade do Estado da Bahia

Prof^a. Dr^a. Rosana da Silva Peixoto
Universidade do Estado da Bahia

Prof^a. Dr^a. Ana Paula Penha Guedes
Universidade do Estado da Bahia

SENHOR DO BONFIM, BA
2016

*À meus pais
que são meus orientadores
e guias para a conclusão
deste trabalho.*

Dedico.

AGRADECIMENTOS

Com o fim de mais um ciclo que se cumpriu na minha vida, venho aqui agradecer e dedicar esse trabalho de grande importância pro meu crescimento profissional a todos que diretamente ou indiretamente contribuíram pra mais essa conquista.

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por ser essencial em minha vida, autor de meu destino, meu guia, socorro presente nas horas de angústia, ao meu pai Avelino, minha mãe Maria Eliane, meu esposo José Neto e aos meus irmãos, em especial minha irmã Roseli que se manteve presente durante todos esses anos, me apoiando e me ajudando nas mais diversas formas.

À minha orientadora Prof^a Dr. Cristiana de Cerqueira Silva Santana pela paciência na orientação e incentivo que tornaram possível a conclusão deste trabalho.

Aos professores coordenadores do curso de Ciências Biológicas Dr. Marcos Fábio e Msc. Adson Bastos, pelo convívio, pelo apoio, pela compreensão e pela amizade.

À Prof.^a Dra. Ana Paula Guedes que sempre se colocou a disposição para me ajudar.

A todos os professores do curso, que foram tão importantes na conclusão de mais uma etapa importante na minha vida acadêmica.

A Universidade Estadual da Bahia, que me acolheu e me deu a oportunidade de ter uma graduação.

Aos meus colegas da turma de Ciências Biológicas 2011.1, em especial as minhas amigas Claudia, Jemima e Kelly que sempre estiveram ao meu lado durante esses anos de vida acadêmica. A todos os funcionários da Universidade Estadual da Bahia, especialmente ao pessoal da limpeza e os técnicos que sempre com muita educação e boa vontade se dispuseram a me ajudar nas mais diversas formas.

RESUMO

A fauna brasileira é uma das mais ricas em biodiversidade no mundo e também uma das mais cobiçadas pelo comércio ilegal de animais silvestres, sendo essa a segunda principal causa de extinção de espécies no país. O objetivo dessa pesquisa consistiu em investigar a comercialização da avifauna silvestre na feira livre da sede do município de Itiúba, Bahia. A metodologia baseou-se em observações e registros da feira no que diz respeito à prática de comercialização desses animais. Foram observados durante as visitas 19 espécies de aves que são comercializadas na feira livre de Itiúba, essas estão distribuídas em oito famílias. Dentre essas aves as mais encontradas na feira pertencem à Família Emberezidae e as espécies: (*Sicalis flaveola*) Canário, (*Passerina brisonii*) Azulão e (*Sporophila nigricollis*) Papa-Capim.

Palavras chave: Avifauna silvestre, Caatinga Semi-árido, Comércio ilegal.

ABSTRACT

The Brazilian fauna is one of the richest biodiversity in the world and unfortunately their ecological importance is not respected, and the wild animal trafficking is the second leading cause of extinction in this way. The goal of that research was to investigate the commercialization of wildlife in the open market headquarters in the city of Itiúba, Bahia. The methodology was based on observations and records of people's behavior with regard to the practice of marketing of these animals. The results observed during visits obtained 19 species of birds that are marketed in Itiúba free fair, these are distributed in eight families. Among these birds the most frequent at the fair were owned by Emberezidae family and species: (*Sicalis flaveola*) Canary, (*Passerina brisonii*) Bluebird and (*Sporophila nigricollis*) Papa-grass.

Keywords: Avifauna silvetre, Semi-arid scub forest, Illegal trade.

SUMÁRIO

1.	IINTRODUÇÃO GERAL	8
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	12
2.	CAPÍTULO 1	14
	RESUMO	16
	INTRODUÇÃO	17
	MATERIAL E METODOS	16
	RESULTADOS E DISCUSSÃO	20
	CONCLUSÃO	25
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	25
3.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
4.	ANEXOS	30

1. INTRODUÇÃO GERAL

O Brasil é conhecido pela sua extensão territorial, por suas diferenças regionais e pela variedade de ecossistemas o que possibilita a esse país uma grande riqueza de fauna e flora (EFE, 1999). De acordo com Brandon et al. (2005), o Brasil abriga seis importantes biomas, o maior sistema fluvial do mundo e possui a mais rica biota continental do planeta. Lewinsohn e Prado (2006) salientam que o Brasil abriga 13,2% da biota mundial, fato que proporcionou ao país ser considerado o mais diverso entre todos os outros, ou megadiverso.

Por ser tão rico em biodiversidade, há no Brasil um vasto mercado ilegal de animais silvestres, o que gera uma movimentação anual bilionária. O comércio ilegal de animais silvestres é um negócio mundialmente gigantesco que chega a movimentar por ano entre 10 e 20 bilhões de dólares, perdendo apenas para o tráfico de drogas e armas (VANNUCCI-NETO, 2000).

Para Giovanini (2002), os problemas sociais e as razões culturais fazem do Brasil um dos principais fornecedores de animais silvestres do mundo, sendo que os principais locais de captura ilegal da fauna silvestre no país estão nos estados da Bahia, Piauí, Pernambuco, Pará, Mato Grosso e Minas Gerais, de onde são levados para as regiões Sul e Sudeste. Nestas regiões, principalmente as aves são as mais capturadas por serem os animais de maior abundância e são destinadas para colecionadores, lojas de mascotes, criadores, feiras livres e mercado exterior.

Uma importante parte da captura ilegal de animais silvestres ocorre em ambientes de Caatinga, sendo que este bioma é de distribuição exclusivamente brasileira, possuindo uma floresta arbórea ou arbustiva com vegetação baixa e plantas com espinhos por isso é grande a sua importância, assim como a preocupação em preservá-la (PRADO, 2003). Esse tipo de vegetação é encontrada no semiárido nordestino, região de poucas chuvas, passando por todos os estados desde o Maranhão à Bahia. A Caatinga corre o risco de desaparecer e se transformar em deserto por causa da ação do homem. Os animais que vivem na Caatinga possuem adaptações e meios de sobreviver aos longos períodos sem chuva, desenvolvendo estratégias individuais. Entre os animais mais comuns da fauna desse bioma estão presentes uma vasta diversidade de aves como o carcará, cardeal (*Paroaria dominicana*), periquito (*Aratinga cactorum*), canário (*Sicalis flaveola*), entre outros animais como o sapo-cururu (*Rhinella marina*), o tatu-peba

(*Euphractus sexcinctus*), e o veado-catingueiro (*Mazama gouazoubira*) (FIOL Cartilha de Educação Ambiental – IBAMA, 2012).

As populações do interior do Brasil, principalmente no nordeste, além de caçarem para alimentar-se, utilizam a caça também para o comércio ilegal, fornecendo assim, renda complementar para as famílias. Entretanto, estes indivíduos exploram os recursos naturais de modo extrativista, sem se preocupar com o meio ambiente, na maioria das vezes por não ter o conhecimento de que esses recursos algum dia podem se extinguir, contribuindo então para a ameaça das espécies e eliminação da riqueza faunística (RENCTAS, 2001).

Especialmente na região da caatinga, há uma necessidade de aliar estudos de atividades cinegéticas com educação socioambiental, pois este tipo de atividade extensionista continua sendo escasso e ações extrativistas quando são realizadas de forma indiscriminada têm ameaçado a biodiversidade como um todo (ALVES e SOUTO, 2010).

O bioma Caatinga é muito relevante devido à grande biodiversidade, endemismo e dimensões, já que representa 844.453 km². Contudo, o bioma Caatinga é o segundo menos conhecido cientificamente dentre os biomas Brasileiros e “vem sendo tratado com baixa prioridade, apesar de ser um dos mais ameaçados, devido ao uso inadequado e insustentável dos seus solos e recursos naturais” (REZENDE, 2015, p. 7).

Ainda, a respeito da pouca quantidade de pesquisas sobre a Caatinga, vale mencionar Grelle et al. (2009), em estudo realizado acerca da produção científica, em um período de 10 anos, sobre esse Bioma. Os autores afirmam que nesses 10 anos (entre 1998 e 2007), dentre os biomas existentes no Brasil, os de menor número de publicações foram a Caatinga, com apenas quatro artigos, seguido apenas pelos Campos Sulinos, com dois artigos.

A caça do tipo comercial é devidamente proibida pela lei. Mas, a caça de subsistência é uma prática que está aliada às condições precárias de vida das pessoas, e por este motivo não tem como impedi-la por lei (REZENDE e SHIAVETTI, 2010). Embora as populações tradicionais tenham um modo de vida que esteja voltado à utilização de recursos naturais do ambiente, elas vêm sendo constantemente desamparadas e afastadas de qualquer contribuição que possam oferecer a elaboração das políticas públicas regionais. Geralmente, tais populações

são as primeiras a serem atingidas pela destruição do ambiente e as últimas a receber qualquer benefício das políticas de conservação ambiental (ARRUDA, 1999).

Por este motivo, as políticas de desenvolvimento sustentável precisam ser planejadas para a região semiárida, que na maior parte são habitadas por populações indígenas e/ou locais. No entanto, tais políticas devem estar orientadas de uma forma que tanto as perspectivas culturais, políticas e econômicas quanto à diversidade biológica dos ecossistemas em que estão inseridas sejam conduzidas de maneira socialmente justa e respeitável (COSTA-NETO, 2006).

O meio ambiente brasileiro (fauna e flora) é protegido pela Lei Federal n.º 9.605 de 12 de fevereiro de 1998, conhecida como Lei de Crimes Ambientais. Conforme o artigo 29 da Lei de Crimes Ambientais, as agressões cometidas contra animais silvestres, nativos ou em rota migratória, como a caça, pesca, transporte e a comercialização sem autorização, assim como os maus-tratos, a realização de experiências dolorosas ou cruéis com animais quando existe outro meio, independente do fim, assim como as agressões aos habitats naturais dos animais, como a modificação, danificação ou destruição de seu ninho, abrigo ou criadouro natural e a introdução de espécimes animal estrangeira no país, sem a devida autorização, são considerados crimes ambientais (BRASIL, 1998).

Cabe salientar que de acordo com a Lei de Proteção à Fauna n.º 5.197/1967, a captura de animais silvestres e a caça do tipo comercial é severamente proibida, sendo considerada uma atividade ilegal em todo o território brasileiro. Exceção apenas aos territórios indígenas que são regidos pela Lei n.º 6001/1973 e que permitem a caça para o consumo (ALMEIDA et al., 2012).

Com o intuito de averiguar se as leis ambientais estão sendo cumpridas e se as pessoas em pleno século XXI tem consciência de que o melhor a ser feito em favor da natureza é permitir que os animais possam nascer, crescer e se reproduzirem em seu habitat natural, foi realizada uma pesquisa baseada em observações e registro fotográfico dos animais silvestres que são comercializados na feira livre da cidade de Itiúba.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, R. R. N.; SOUTO, W. M. S. **Etnozoologia: conceitos, considerações históricas e importância.** In: **A Etnozoologia no Brasil: Importância, Status atual e Perspectivas.** , p.19-40. NUPEEA, Recife, PE, Brasil, 2010.

ALMEIDA, G. S.; SOUZA, P. V.; SOUZA, A. M.; OLIVEIRA, K. A. Percepção das populações do interior e do entorno do parque nacional serra do divisor – acre sobre a caça cinegética e seus efeitos sobre a abundância dos recursos faunísticos. **Enciclopédia biosfera**, centro Científico Conhecer, Goiânia, v. 8, n.15, p. 1902-1912, 2012.

ARRUDA, R. Populações tradicionais e a proteção dos recursos naturais em unidade de conservação. **Ambiente e sociedade**, ano 2, n.5–2º semestre de 1999.

BRANDON, K.; G.A.B Fonseca; A.B. Rylands e J.M.C. Silva. 2005. Conservação Brasileira: desafios e oportunidades. **Megadiversidade.** 1:7-13.

BRASIL. LEI Nº 9.605/98, DE 12 DE FEVEREIRO DE 1998 - **Dispõe sobre as sanções penais e administrativas derivadas de condutas e atividades lesivas ao meio ambiente, e dá outras providências.**

COSTA-NETO, E. M. **A Etnozoologia do semiárido Bahia: estudos de casos.** In: **Queiroz L. P.; Rapini, A.; Giuliette, A. M (EDS). Rumo ao amplo conhecimento da biodiversidade do semiárido brasileiro**, p. 11-114. 2006.

EFE, M. A. **Guia Prático do observador de Aves.** Porto Alegre ; Associação Brasileira para Conservação das Aves, (PROAVES), Rede Plaza de Hotéis.1999.

GIOVANINI, D. 1º Relatório Nacional Sobre o Tráfico de Fauna Silvestre. Brasília: **Rede Nacional de Combate ao Tráfico de Animais – RENCTAS**, 2002. 108p.

GRELLE, C. E. V.; PINTO, Miriam P.; MONTEIRO, Juliana; FIGUEIREDO, Marcos S. L. Uma década de Biologia da Conservação no Brasil. III CLAE e IXCEB, 10 a 17 de Setembro de 2009, São Lourenço – MG, p: 1-15.

IBAMA:Disponível em:<http://eco.ib.usp.br/lepac/conservacao/ensino/biomastexto.htm>. Acesso em: 20/04/2015.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=291700>. Acesso em: 12 de abril de 2015.

LEWINSOHN, T.M. e P.I. PRADO. 2002. **Biodiversidade Brasileira: síntese do estado atual do conhecimento.** São Paulo: Editora Contexto. 176p.

RENTAS-Relatório Nacional sobre o Tráfico de Fauna Silvestre

content/uploads/2014/02/REL_RENTAS_pt_fnal.pdf,Disponívelem:

<http://www.rentas.org.br/wp>

REZENDE, J. P.; SCHIAVETTI, A. Conhecimentos e usos da fauna cinegética pelos caçadores indígenas “Tupinambá de Olivença” (Bahia). **Biota Neotrop**, v. 10, n. 1, 2010.

REZENDE, L. F. C. **Análise e modelagem de ecofisiologia da espécie *Poincianella microphylla* da Caatinga em campo e sob condições de alta concentração de CO₂** / Luiz Felipe Campos de Rezende. – São José dos Campos: INPE, 2015. Disponível em: <<http://urlib.net/8JMKD3MGP8W/3J3CB32>> Acesso em: 01 de jun. 2016.

VANUCCI-NETO, R. **Aves Silvestres em Cativeiro: Considerações Gerais. Tráfico de 220 Aves.** O Curumim, n. 95, Abril/ 2000, p.4 -5. (Disponível em: http://www.polmil.sp.gov.br/unidades/cpfm/curumim/95/curumim95_pag4.htm, 2004)

2. CAPÍTULO I

* Artigo a ser submetido para publicação, na versão em língua portuguesa, no periódico Enciclopédia Biosfera.

A Comercialização da Avifauna Silvestres na Feira livre do Município de Itiúba-Ba

The Livestock marketing wild at the Fair free of Itiúba-Ba Municipality

SANTOS, E.S.¹ Edna Souza Santos; SANTANA, C. de C. S.² Cristiana de Cerqueira Silva Santana.

1- Discente do curso de Ciências Biológicas, Universidade do Estado da Bahia - UNEB, Campus VII, Senhor do Bonfim, Bahia.

2- Professora Adjunta do Departamento de Educação do Campus VII. Universidade do Estado da Bahia, Senhor do Bonfim-BA, Brasil.

E-mail: ccsilva@uneb.br

Edna Souza Santos¹, Cristiana de Cerqueira Silva Santana², ¹Graduanda do Curso de Ciências Biológicas (neto.edna-eternamente@hotmail.com) ²Professora Adjunta do Departamento de Educação do Campus VII. Universidade do Estado da Bahia, Senhor do Bonfim-BA, Brasil.

RESUMO

A fauna brasileira é uma das mais ricas em biodiversidade no mundo e também uma das mais cobiçadas pelo comércio ilegal de animais silvestres, sendo essa a segunda principal causa de extinção de espécies no país. O objetivo dessa pesquisa consistiu em investigar a comercialização da avifauna silvestre na feira livre da sede do município de Itiúba, Bahia. A metodologia baseou-se em observações e registros da feira no que diz respeito à prática de comercialização desses animais. Foram observados durante as visitas 19 espécies de aves que são comercializadas na feira livre de Itiúba, essas estão distribuídas em oito famílias. Dentre essas aves as mais encontradas na feira pertencem à Família Emberezidae e as espécies: (*Sicalis flaveola*) Canário, (*Passerina brisonii*) Azulão e (*Sporophila nigricollis*) Papa-Capim.

Palavras chave: Avifauna silvestres, Caatinga Semi-árido, Comércio ilegal.

ABSTRACT

The Brazilian fauna is one of the richest biodiversity in the world and unfortunately their ecological importance is not respected, and the wild animal trafficking is the second leading cause of extinction in this way. The goal of that research was to investigate the commercialization of wildlife in the open market headquarters in the city of Itiúba, Bahia. The methodology was based on observations and records of people's behavior with regard to the practice of marketing of these animals. The results observed during visits obtained 19 species of birds that are marketed in Itiúba free fair, these are distributed in eight families. Among these birds the most frequent at the fair were owned by Emberezidae family and species: (*Sicalis flaveola*) Canary, (*Passerina brisonii*) Bluebird and (*Sporophila nigricollis*) Papa-grass.

Keywords: Avifauna silvestre, Semi-arid scrub forest, Illegal trade.

1. INTRODUÇÃO

O Brasil abriga seis importantes biomas, o maior sistema fluvial do mundo e possui a mais rica biota continental do planeta (Brandon et al., 2005). A consideração de que o Brasil, segundo as estimativas mais conservadoras, abriga 13,2% da biota mundial (LEWINSOHN; PRADO, 2006), rendeu-lhe o título de país mega diverso.

O Brasil também é conhecido pela sua extensão territorial, por suas diferenças regionais e pela variedade de ecossistemas o que possibilita a esse país uma grande riqueza de fauna e flora (EFE, 1999). Os números relativos referentes à perda desse seu patrimônio natural também chamam a atenção. A Mata Atlântica é o bioma mais alterado, do qual restam apenas 27% da sua cobertura original; o Cerrado cede espaço para a soja e, mais recentemente, para a cana-de-açúcar, ao passo que a história parece se repetir da mesma forma que determinou a devastação da floresta atlântica; e a Amazônia, conhecida como a floresta inacessível, perde a cada ano uma área de floresta que pode ser comparada a um Estado de Sergipe. A Caatinga e o Pantanal, apesar de sua ocupação ser dificultada pela dinâmica de seus ciclos hidrológicos, também dão sinais de profundas modificações em sua paisagem natural (MMA, 2007).

O comércio ilegal de animais silvestres é um negócio gigantesco que chega a movimentar mundialmente por ano cerca de 10 a 20 bilhões de dólares, perdendo apenas para o tráfico de drogas e armas (VANNUCCI-NETO, 2000; OSAUA, 2001). É graças a sua biodiversidade que o Brasil participa do mercado ilegal de animais silvestres com aproximadamente US\$ 1 bilhão ao ano, uma vez que sua rica biodiversidade, os problemas sociais e as razões culturais fazem do Brasil um dos principais fornecedores de animais silvestres do mundo (GIOVANINI, 2002).

O comércio ilegal de animais silvestres no Brasil é reconhecido atualmente como uma atividade que causa um grande impacto ao meio ambiente, em virtude da alta importância ecológica que esses animais representam (BRANDON et al., 2005). A problemática do comércio ilegal da fauna silvestre no Brasil toma uma dimensão ainda maior quando esta prática encontra-se associada a regiões pouco conhecidas cientificamente, como é o caso do Bioma Caatinga.

A Caatinga é um bioma muito relevante devido à grande biodiversidade, endemismo e dimensões, já que representa 844.453 km². Contudo, o bioma Caatinga é o segundo menos conhecido cientificamente dentre os biomas Brasileiros e “vem sendo tratado com baixa prioridade, apesar de ser um dos mais ameaçados, devido ao uso inadequado e insustentável dos seus solos e recursos naturais” (REZENDE, 2015, p. 7).

Ainda, a respeito da pouca quantidade de pesquisas sobre a Caatinga, vale mencionar Grelle et al. (2009), em estudo realizado acerca da produção científica, em um período de 10 anos, sobre esse Bioma. Os autores afirmam que nesses 10 anos (entre 1998 e 2007), dentre os biomas existentes no Brasil, os de menor número de publicações foram a Caatinga, com apenas quatro artigos, seguido apenas pelos Campos Sulinos, com dois artigos.

Os principais locais de captura ilegal da fauna silvestre no Brasil estão nos estados da Bahia, Piauí, Pernambuco, Pará, Mato Grosso e Minas Gerais, de onde são levados para as regiões Sul e Sudeste (GIOVANINI, 2002). Nestas regiões, principalmente as aves por serem os animais de maior abundância são destinados para colecionadores, lojas de mascotes, criadores, feiras livres e para o mercado exterior (VANNUCCI-NETO, 2000).

São vários os motivos que levam pessoas a comercializarem animais silvestres, desde questões econômicas até culturais e esse é um problema antigo no Brasil e em especial na região nordeste. A apanha e a caça de animais silvestres, em especial a criação em cativeiro de aves é uma prática muito comum no interior do nordeste e esta é antiga e presente desde o Brasil Colônia. Conforme o Relatório RENTAS:

O comércio ilegal de animais silvestres está associado a problemas culturais, de educação, pobreza, falta de opções econômicas, pelo desejo de lucro fácil e rápido, e por status e satisfação pessoal de manter animais silvestres como de estimação (RENTAS, 2014, 28).

Por estar grande parte do nordeste brasileiro inserido no bioma Caatinga, e por ser esse bioma tão biodiverso e tão pouco conhecido cientificamente, todo e qualquer impacto, seja na fauna ou na flora, tem o potencial de causar graves danos. Dentre os impactos salienta-se nesse artigo a problemática do comércio ilegal de animais silvestres, já que esse ato tira do ambiente natural muitos animais, levando alguns até a lista de animais em extinção, ou em processo de aniquilamento.

Algumas pesquisas recentes relacionadas à comercialização, a caça predatória e à prática de criação em cativeiros domésticos de animais silvestres, principalmente aves, já foram realizadas na microrregião de Senhor do Bonfim. Segundo Ferreira (2008), em cinco dos municípios dessa microrregião já foi identificado e registrado o comércio ilegal de aves silvestres, entre eles estão: Andorinha, Antônio Gonçalves, Campo Formoso, Jaguarari e Senhor do Bonfim. Dentre esses estudos destacam-se Batista (2014) que fez um estudo investigativo sobre a captura de pássaros silvestres para criação em cativeiro na localidade de Poços, distrito de Campo formoso, BA. Ferreira (2008) que realizou um diagnóstico do comércio ilegal da avifauna na microrregião de Senhor do Bonfim, BA. Lopes (2010) que realizou levantamento da avifauna e perfil de caça da serra da fumaça, no município de Pindobaçu, BA.

A pesquisa objetiva investigar a comercialização da avifauna silvestre na feira livre da sede do município de Itiúba, Bahia. Especificamente se objetiva: Identificar quais animais silvestres são comercializados na feira livre de Itiúba, BA; Verificar quais, dentre os animais silvestres comercializados, são os mais ofertados; Observar se há diferenças de importância dentre os animais comercializados; Verificar se dentre os animais comercializados existem espécies ameaçadas ou em extinção. No entanto espera-se, com esse estudo, contribuir para o mapeamento de feiras ilegais de animais silvestres, para o conhecimento dessa prática dentro do Bioma Caatinga e para o conhecimento das espécies comercializadas nestas feiras.

MATERIAL E MÉTODOS

Área da Pesquisa

A pesquisa foi realizada na sede do município de Itiúba, que possui uma área territorial de 1.722,757 km², com uma população estimada em 2014 pelo IBGE em 38.413 habitantes, com densidade demográfica de 20,96 habitantes por km², distando cerca de 380 km da capital do estado, Salvador. A economia local é baseada na agricultura e pecuária (IBGE, 2016).

Itiúba está situada no semiárido baiano fazendo fronteira com os municípios de Andorinha, Monte Santo, Cansanção, Queimadas, Ponto Novo, Filadélfia e Senhor do Bonfim. A cidade é rodeada por serras (Figura 1), onde predomina uma

vegetação caracterizada exclusivamente pela caatinga, cuja característica montanhosa contribui para que existam localidades com o bioma ainda preservado (IBGE, 2016).



Figura 1. Vista geral da cidade de Itiúba com relação ao conjunto de serras que a rodeia. Foto: Joane Rodrigues.

Segundo dados do IBGE (2016), o município foi habitado inicialmente por uma tribo indígena denominada Caricás. Quanto à origem do nome da cidade há algumas versões, tais como, que se originou a partir do nome da serra (serra de Itiúba), dando nome ao município. O nome Itiúba foi derivado da expressão Tupi-guarani – tuyba – que significa em português “abelha-dourada”, mas, há também quem diga que o nome da cidade tenha derivado da palavra “itiuba”, que na língua indígena quer dizer “água da pedra”.

Por se tratar de uma cidade pequena e distante das localidades que possuem fiscalizações do IBAMA, Itiúba apresenta uma cultura regional muito forte que é a comercialização de animais silvestres na feira livre da cidade. Mesmo tendo conhecimento da ilegalidade dessas práticas as pessoas da cidade e região tem essa atividade como algo normal.

Procedimentos

A pesquisa foi desenvolvida na feira livre da cidade de Itiúba BA, nos meses de abril, julho, setembro, novembro de 2015 e fevereiro de 2016 compreendendo um total de cinco visitas.

O trabalho foi realizado através de uma pesquisa de campo com levantamento de dados por meio da observação, anotações e registro fotográfico. O método de análise da pesquisa foi o quali-quantitativo. A qualificação se referiu à identificação em nível de pista taxonômica, dos animais pelos nomes populares (auxiliadas pelas fotografias) e relacionadas à ocorrência dessas aves no nordeste, na Bahia e na região de estudo, com base nas bibliografias de Silva et al (2003); Costa (2005); Rocha et al. (2006); Ferreira (2008); Lopes (2010); Batista (2014); Filho (2014). A quantificação se restringiu a contagens de espécies presentes por visitas.

Durante as visitas foram realizadas observações gerais sobre o local onde os animais estavam sendo comercializados, feito o registro de fotografias e anotações referentes à localização das gaiolas, acondicionamento dos animais, feitas

observações acerca das espécies que se encontravam no local e dos valores informados aos transeuntes pelos comerciantes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A feira livre de Itiúba ocorre todos os sábados na Rua Benedito Pinto, especificamente a feira de animais silvestres ocorre na Rua Pedro Batista que se localiza em uma rua transversal a rua da feira. Nessa área se observam grande fluxo de pessoas transitando e muitas gaiolas e caixas contendo animais silvestres ilegalmente comercializados, juntamente com galinhas caipiras (Figura 2).



Figura 2. Vistas da feira de animais da sede municipal de Itiúba, Bahia. Fotos: Edna Santos.

Os animais silvestres comercializados

Na feira livre de Itiúba, durante as cinco visitas realizadas entre abril de 2015 a fevereiro de 2016, foi identificado a presença do comércio ilegal de animais silvestres. Dentre esses animais observou-se que basicamente as aves compreendem o total dos animais vendidos, exceção apenas à presença, em uma única visita, de um jabuti.

Os animais exibidos na feira ficam em condições precárias e muitos permanecem expostos ao sol. No que se referem às aves, essas ocupam gaiolas amontoadas umas sobre as outras (Figura 3), superlotadas de animais e muitas vezes contendo várias espécies juntas (Figura 4).

Rocha et al., (2006) em pesquisa realizada na feira livre de Campina Grande, Paraíba, também observou a presença de grande quantidade de pássaros amontoados em gaiolas e exposição desses animais diretamente ao sol. Vale salientar que na presente pesquisa, na feira de Itiúba, identificou-se a presença de até 16 pássaros em uma mesma gaiola, conforme observado na figura 3, o que vem a concordar com Gama; Sassi (2008), em pesquisa realizada também na feira de Campina Grande, Paraíba, observaram que algumas gaiolas encontravam-se lotadas com até mais de 10 pássaros.



Figura 3. Gaiolas de pássaros amontoadas na feira livre de Itiúba, Bahia. Foto: Edna Santos.

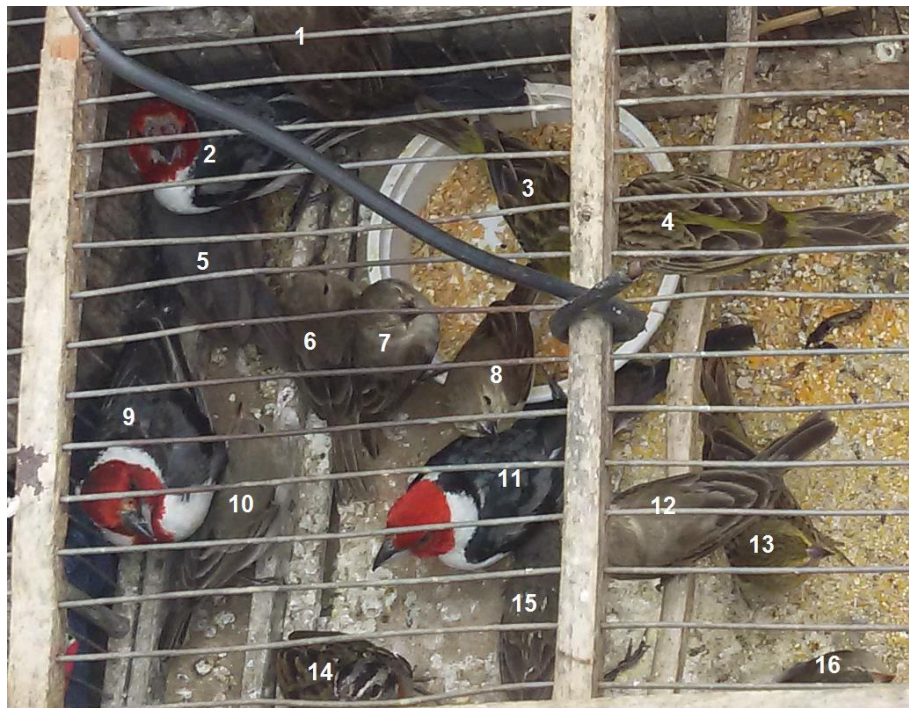


Figura 4. Gaiola superlotada contendo 16 animais disputando o mesmo espaço. Feira livre de Itiúba, Bahia. Foto: Edna Santos.

As aves são os animais mais comercializados em feiras ilegais. Uma pesquisa de revisão de estudos relacionados à caça de animais silvestres no semiárido nordestino realizada por Moraes (2014) indica que:

No que se refere às aves, identificou-se que esses animais tiveram maior destaque nas bibliografias consultadas, isto pode estar diretamente relacionado à riqueza taxonômica desses animais no Semiárido Nordestino e ao grande interesse das pessoas em criá-los como animais de estimação. Vale salientar, que culturalmente o grupo de aves é um dos mais cobiçados pelas pessoas, e sendo também um dos mais comercializados ilegalmente

nas grandes feiras de cidades no Nordeste Brasileiro (MORAIS, 2014, p. 22).

Observaram-se durante as visitas, que 19 espécies de aves são comercializadas na feira livre de Itiúba, essas estão distribuídas em oito famílias. Dentre essas aves observou-se que aquelas pertencentes à Família Emberezidae são as mais encontradas na Feira (Tabela 1). Essa família também foi identificada por Rocha et al (2006) como sendo a mais comercializada em feiras livres de Campina Grande, Paraíba, por Pereira; Brito (2005) em estudo realizado em Recife, Pernambuco, e também por Araújo; Gueiros; Amador (2009) em estudo realizado acerca do tráfico ilegal de aves na região central do Rio Grande do Sul.

De acordo com Borges et al., (2006), o fato das aves da família Emberezidae aparecer com maior frequência pode ser explicado, por essa família possuir muitas espécies, por ser abundante nos neotrópicos, por ter boa ocorrência na região amostrada, por possuir alta qualidade canora, por ser relativamente barata e de fácil manutenção.

Dentro da Família Emberezidae observa-se que as espécies mais vendidas na feira de Itiúba pertencem às espécies do gênero *Sporophila* (Tabela 1). A preferência por esse gênero também foi observado por Rocha et al., (2006), na Paraíba, e por Costa (2005) que estudou o comércio de animais nas feiras livres de Fortaleza. Segundo Rocha et al., (2006, p. 210):

(...) os exemplares do gênero *Sporophila* são mais procurados, pois, além de possuírem um belo canto, são de mais fácil manutenção devido ao seu hábito alimentar, que consiste de sementes como alpiste, sendo mais barato e de melhor higienização das gaiolas.

As famílias Icteridae e Psitacidae são as segundas mais encontradas na feira de Itiúba, depois, da Emberezidae, mas, representadas por apenas duas espécies cada. Especificamente sobre a Família Psitacidae Rocha (2006), informa que essas aves raramente são vistas nas feiras, pois, são mais comercializadas por encomendas, nas residências dos 'passarinheiros'. Dentro dessa família encontram-se papagaios e periquitos, mas, apenas os periquitos foram observados na feira de Itiúba.

Segundo informações de vendedores da feira, os papagaios também são comercializados, porém, eles trazem apenas por encomenda e que a melhor época que se encontram esses animais é na época da semana santa. Esse dado em especial vem a concordar com o salientado por Rocha et al (2006), conforme já mencionado acerca da família Psitacidae.

Tabela 1: Espécies de aves observadas em cinco visitas entre abril de 2015 a fevereiro de 2016

Família	Nome vulgar	Pista Taxonômica	NVE	Preço ofertado R\$
Cardinalidae	Assanhaço	<i>Piranga flava</i> (Spix, 1825)	1	10,00
Columbidae	Rolinha Fogo	<i>Columbina squammata</i> (Lesson, 1831)	2	20,00
Corvidae	Cancão	<i>Cyanocorax cyanopogon</i> (Wied, 1821)	1	10,00

Emberezidae	Cardeal	<i>Paroaria dominicana</i> (Linnaeus, 1758)	2	VNI
	Canário de loca	<i>Sicalis sp.</i>	1	VNI
	Passo-Preto	<i>Gnorimopsar chopi</i> (Vieillot, 1819)	1	200,00
	Canário	<i>Sicalis flaveola</i> (Linnaeus, 1766)	4	50,00
	Galo-de-Campina	<i>Coryphospingus pileatus</i> (Wied 1821)	1	30,00
	Azulão	<i>Cyanoloxia brissonii</i> (Lichtenstein, 1823)	4	30,00
	Bigodinho	<i>Sporiphila lineola</i> (Linnaeus, 1758)	1	VNI
	Coleira	<i>Sporophila albogularis</i> (Spix, 1825)	1	5,00
	Papa-Capim	<i>Sporophila nigricollis</i> (Vieillot, 1823)	4	20,00
Icteridae	Pêga	<i>Icterus cayanensis</i> (Linnaeus, 1766)	1	20,00
	Sofrê	<i>Icterus jamacaii</i> (Gmelin, 1788)	3	15,00
Psittacidae	Periquito	<i>Aratinga cactorum</i> (Kuhl, 1820)	1	VNI
	Periquito de São José	<i>Forpus xanthopterygius</i> (Spix, 1824)	1	VNI
Troglodytidae	Garrincha	<i>Troglodytes musculus</i> (Naumann, 1823)	1	VNI
Turdidae	Sabiá Coca	<i>Turdus rufiventris</i> (Vieillot, 1818)	1	300,00
Não identificada	Chico-Tolo	Não identificada	1	5,00

NVE: Número de Vezes em que os animais foram encontrados na feira. VNI: Valor não Informado.
Fonte: Dados da Pesquisa

As espécies mais ofertadas e as diferenças de valores de vendas

Com relação à presença desses animais na feira, durante os dias visitados, se observou que as espécies: (*Sicalis flaveola*) Canário, (*Cyanoloxia brissonii*) Azulão e (*Sporophila nigricollis*) Papa-Capim foram as mais frequentes, ocorrendo em quatro das cinco visitas realizadas. Essas espécies pertencem a família Emberezidae que de acordo com Borges et al (2006), consistem em família bastante desejada para o tráfico no Brasil por serem aves canoras, passíveis de se tornar animais de estimação, o que lhes confere ainda alto preço de mercado.

O (*Icterus jamacaii*) Sofrê, pertencente à família Icteridae também foi encontrado durante três visitas realizadas, conferindo, assim, em alta presença na feira.

As espécies mais comumente encontradas nas gaiolas disposta para venda na feira foram: (*Paroaria dominican*), Cardeal, (*C. brissonii*) Azulão e (*S. nigricollis*) Papa-Capim. Essas aves ocorrem em maior número na feira, basicamente em todas as gaiolas se observou grande quantidade desses animais. Dessas aves, o (*S. nigricollis*) Papa-Capim foi o que em maior número se encontrou por gaiolas.

Com relação ao (*C. brissonii*) Azulão é importante frisar que esta espécie ocorre em vasto trecho do país, nas regiões Nordeste, Sul e Centro-Oeste. A espécie também ocorre em outros países, como Argentina, Bolívia, Colômbia, Paraguai e Venezuela. Essas aves têm como habitat áreas de matas, pântanos, formações secundárias espessas e plantações (SICK, 1997, apud FIRMINO et al., 2013). Conforme menciona Firmino et al. (2013) as fêmeas são mais fáceis de serem visualizadas quando comparadas aos machos, pois, esses últimos são muito cobiçados para captura, por apresentarem belo canto e aparência colorida.

Ao se observar as conversas entre os vendedores e os clientes, foi bastante corriqueiro se ouvir relatos de que, aqueles animais que estavam sendo vendidos por um valor menor que os demais, existiam em maior número nos locais de captura e por isso eram mais fáceis de ser capturados, ou que um dado pássaro não era bom de canto como outros que ali se encontravam. Os preços eram assim baseados em três motivos: (1) habilidade de canto, (2) pela maior procura da espécie na feira (demanda) e (3) pela dificuldade/facilidade de encontrar determinada espécie. Como relatado por Filho (2014), a procura de aves pelos criadores se dá primeiramente pelo canto, segundo pelo hábito alimentar e terceiro pelo habitat natural que facilita à captura.

Os animais mais caros da feira foram o (*Turdus rufiventris*) Sabiá-coca, R\$ 300,00 e o (*Gnorimopsar chopi*) Passo-preto, R\$ 200,00 (ver Tabela 1).

Pelo observado na feira a diferença de valores se dá através da beleza das cores e da beleza do canto que cada ave possui e que os machos são os mais bonitos e de melhor canto. Rocha et al (2006), chama a atenção exatamente para essas características e salienta que as aves machos são as mais valorizadas e conseqüentemente as mais procuradas já que possuem habilidade sonora superior à das fêmeas.

Animais comercializados e riscos para perda da biodiversidade

Nenhuma das espécies encontradas na feira livre de Itiúba está presente na lista de animais com riscos de extinção do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio, 2014).

No entanto, apenas não estar listada como espécie em risco de extinção não é motivo para se despreocupar da fauna caatingueira. Outras questões a serem observadas se referem à relação dessa fauna com o habitat e a sensibilidade com relação aos distúrbios humanos aos ambientes naturais. Sobre esse aspecto observa-se o que relata Silva et al., (2003), acerca das espécies da Caatinga em que algumas dessas são comercializadas na feira de Itiúba. Nesse sentido, as espécies (*Cyanocorax cyanopogon*) Cancão e (*Icterus cayanensis*) Pêga são, segundo os autores, semidependentes quanto ao uso do habitat, compreendendo espécies que ocorrem nos mosaicos formados pelo contato entre florestas e formações vegetais abertas e semiabertas. Além disso, essas espécies apresentam média sensibilidade aos distúrbios ambientais efetuados pelos seres humanos.

Segundo Silva et al., (2003) embora de baixa sensibilidade aos distúrbios humanos aos ambientes, as espécies (*Coryphospingus pileatus*) Galo-de-Campina e (*I. jamacaii*) Sofrê, também são semidependentes com relação ao uso do habitat. A espécie (*Sporophila albogularis*) Coleira é independente do ponto de vista do uso do habitat, ou seja, consiste em espécie associada apenas a vegetações abertas, contudo, apresenta média sensibilidade aos distúrbios humanos gerados ao ambiente. O gênero *Sicalis* apresenta na Caatinga espécies independentes do ponto

de vista do uso do habitat, contudo, algumas espécies apresentam média sensibilidade aos distúrbios humanos gerados ao meio ambiente.

Outro aspecto a ser observado é quanto à presença de espécies de alto interesse ecológico, como a (*Sporophila lineola*) Bigodinho. De acordo com Silva (1995, apud SILVA et al., 2003) as populações nordestinas de *S. lineola* apresentam movimentos migratórios regulares de longas distâncias para outras regiões, já que durante as épocas de seca migram através da Amazônia Oriental para os Llanos da Venezuela, em um dos mais interessantes padrões migratórios existentes na América do Sul.

Embora as espécies estudadas não estejam na atual lista do ICMBio, conforme já mencionado, a caça ilegal e sem controle é muito arriscada do ponto de vista do manejo dessas populações silvestres. Conforme o Relatório RENTAS de 2016:

Nunca tentou-se trabalhar com as comunidades rurais que capturam aves nos sertões do Nordeste do País para alcançar opções de manejo legal de populações silvestres, de forma a criar vínculos de aproximação entre produtores e consumidores numa região onde a pobreza é alta, e a agricultura e a pecuária de cabras têm impactos ambientais elevados, que resulta na ampliação dos cinturões de pobreza nas cidades. (RENTAS, 2016, 584).

Por fim vale salientar que estudos sobre como as pessoas lidam com o meio ambiente e conseqüentemente com os animais que ali habitam, podem contribuir para a preservação de populações de animais silvestres.

CONCLUSÃO

A partir do estudo realizado pode-se concluir que na feira de animais da sede municipal de Itiúba são comercializados ilegalmente animais silvestres e que dentre os animais comercializados as aves são as mais comuns. Foram identificadas sendo comercializadas 18 espécies de aves que estão inseridas em oito famílias, sendo que uma ave não foi identificada. Dentre as aves comercializadas, a família Embelezidae é a mais frequente na feira e dentro desta destaca-se para o comércio, o gênero *Sporophila*;

Existem valores diferenciados para venda das aves e dentre essas o Passopreto e o Sabiá são os mais caros, pois são muito canoros. Dentre os animais comercializados na feira de Itiúba, nenhuma das espécies identificadas integram a lista de animais ameaçados de extinção do ICMBio 2014, contudo algumas são de interesse ecológico e outras ainda são sensíveis a ação humana aos ambientes naturais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

ARAÚJO, Tiago de Melo. GUEIROS, Mariana Dantas; AMADOR, Maria Betânia Moreira. Comercialização de aves silvestres nas feiras livres de Garanhuns – PE. IX Jornada de Ensino, Pesquisa e Extensão – JEPEX, 2009, Recife. Disponível em: < <http://www.eventosufrpe.com.br/jepex2009/cd/resumos/r0829-1.pdf> > Acesso em: 01 de jun. 2016

BATISTA Joselita dos Santos. **Estudo investigativo sobre a captura de Pássaros silvestres para criação em cativeiro na Localidade de Poços, Distrito de Campo**

Formoso, BA. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Biológicas) - Universidade do Estado da Bahia.

BORGES, Roberto Cabral; OLIVEIRA, Adriana de; BERNARDO, Neilton; COSTA, Regina Martoni Mansur Correa da. Diagnóstico da fauna silvestre apreendida e recolhida pela Polícia Militar de Meio Ambiente de Juiz de Fora, MG (1998 e 1999). **Revista Brasileira de Zoociências**, v. 8, n. 1, p. 23-33, 2006.

BRANDON, K.; FONSECA, G.A.B; RYLANDS, A.B. e SILVA, J.M.C.. 2005. Conservação Brasileira: desafios e oportunidades. **Megadiversidade**. 1:7-13.

COSTA, R. G. A. Comércio Ilegal de Aves Silvestres em Fortaleza, Ceará. **Atualidades Ornitológicas**, n.125, 2005. p. 3.

EFE, M. A. **Guia Prático do observador de Aves**. Porto Alegre; Associação Brasileira para Conservação das Aves, (PROAVES), Rede Plaza de Hoteis. 1999.

FERREIRA, Márcio de Castro. **Diagnóstico do comércio ilegal da avifauna na microrregião de Senhor do Bonfim/BA – análise decenal e situação atual**. Monografia, 44 f. Curso de Licenciatura em Ciências com habilitação em Biologia, Universidade do Estado da Bahia – Campus VII. 2008.

FILHO, Louis Bernard Tranquillin. **Levantamento dos métodos de criação e comércio de aves silvestres no município de Patos-PB/Brasil**. Monografia 44 f. submetida ao curso de Medicina Veterinária como requisito parcial para a obtenção do grau de Médico Veterinário Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Saúde e Tecnologia Rural Unidade Acadêmica de Medicina Veterinária Campus de Patos – PB 2014.

FIRMINO, Millena de Oliveira; SIQUEIRA, Raul Antunes Silva; LUNA, Arthur Cássio de Lima; CAVALCANTE, Tarsila Almeida; GUERRA, Monalisa Valesca Soares de Farias; GUERRA, Ricardo Romão. Biometria externa, avaliação corpórea e morfologia do canal alimentar de azulão (*Cyanoloxia brissonii cyanoides*, Lichtenstein, 1823). **Revista AGROTEC** – v. 34, n. 1, p 1–8, 2013.

GAMA, Taciana P.; SASSI, Roberto. Aspectos do comércio ilegal de pássaros silvestres na cidade de João Pessoa, Paraíba, Brasil. **Gaia Scientia**. 2008, 2(2): p. 01 – 20.

GIOVANINI, Dener. 1º Relatório Nacional Sobre o Tráfico de Fauna Silvestre. Brasília: **Rede Nacional de Combate ao Tráfico de Animais – RENCTAS**, 2002. 108p.

GRELLE, Carlos E. V.; PINTO, Miriam P.; MONTEIRO, Juliana; FIGUEIREDO, Marcos S. L. Uma década de Biologia da Conservação no Brasil. III CLAE e IXCEB, 10 a 17 de Setembro de 2009, São Lourenço – MG, p: 1-15.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=291700&search=||infogr%E1ficos:-informa%E7%F5es-completas>>. Acesso em: 05 de jun. 2016.

ICMBio – Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade **ICMBio**. MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE, lista de espécies ameaçadas de extinção, 2014. Disponível em: <<http://www.icmbio.gov.br/portal/faunabrasileira/lista-de-especies/5559-especie-5559>> Acesso em: 01 de jun. 2016.

LEWINSOHN, T.M.; PRADO, P.I. 2002. **Biodiversidade Brasileira: síntese do estado atual do conhecimento**. São Paulo: Editora Contexto. 176p.

LOPES, Clarissa Maria Almeida Santos. **Levantamento da avifauna e perfil de caça da serra da fumaça, Pindobaçu, Bahia, Brasil**. Monografia, 62 f. Curso de Licenciatura em Ciências com habilitação em Biologia, Universidade do Estado da Bahia – Campus VII. 2010.

MMA – Ministério do Meio Ambiente – MMA. 2007. **Mapas de Cobertura Vegetal Nativa dos Biomas Brasileiros**. Disponível em: <www.mma.gov.br/portaltbio>. Acesso em: 15 de mar. 2015.

MORAIS, Raquel da Silva. **Revisão de estudos etnozoológicos sobre a caça de animais silvestres no semiárido nordestino**. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Ciências Biológicas) - Universidade do Estado da Bahia.

OSAUÁ, Mário. **Tráfico de Animais, um Negócio Milionário**. [s.d.]. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/roteiro pedagogico/publicacao/2955_Trafico_de_animais.pdf> Acesso em: 05 de jun. 2016.

PEREIRA, Glauco Alves; BRITO, Manoel Toscano de. Diversidade de aves silvestres brasileiras comercializadas nas feiras livres da Região Metropolitana do Recife, Pernambuco. **Atualidades Ornitológicas**, N. 126 – JUL/AGO DE 2005.

RENTAS. 1º Relatório Nacional sobre o Tráfico de Fauna Silvestre. 108 p. 2014. Disponível em: <http://www.rentas.org.br/wp-content/uploads/2014/02/REL_RENTAS_pt_final.pdf> Acesso em: 03 de jun. 2016.

RENTAS. Primeiro Relatório Nacional sobre gestão e uso sustentável da fauna silvestre. 1ª edição, abril de 2016. Disponível em: < http://www.rentas.org.br/wp-content/uploads/2014/10/IREL_RENTAS_FINAL_3.pdf > Acesso em: 02 de jun. 2016.

REZENDE, Luiz Felipe Campos de. **Análise e modelagem de ecofisiologia da espécie Poincianella microphylla da Caatinga em campo e sob condições de alta concentração de CO₂** / Luiz Felipe Campos de Rezende. – São José dos Campos: INPE, 2015. Disponível em: <<http://urlib.net/8JMKD3MGP8W/3J3CB32>> Acesso em: 01 de jun. 2016.

ROCHA, M. da S. P. Aspectos da comercialização ilegal de aves nas feiras livres de Campina Grande, Paraíba, Brasil. **Revista de Biologia e Ciências da Terra**. Volume 6 - Número 2 - 2º Semestre 2006, p: 204-221.

ROCHA, Michelle da Silva Pimentel; CAVALCANTI, Priscila Cordeiro de Miranda; SOUSA, Romero de Lima; ALVES, Rômulo Romeu da Nóbrega. Aspectos da comercialização ilegal de aves nas feiras livres de Campina Grande, Paraíba, Brasil. **Revista de Biologia e Ciências da Terra**. Volume 6 - Número 2 - 2º Semestre 2006, p: 204-221.

SILVA, José Maria Cardoso da; SOUZA, Manuella Andrade de; BIEBER, Ana Gabriela Delgado; CARLOS, Caio José. Aves da Caatinga: status, uso do habitat e sensibilidade. Ecologia e conservação da caatinga – Capítulo 5. / editores LEAL, Inara R.; TABARELLI, Marcelo, DA SILVA, José Maria Cardoso. – Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2003.

VANUCCI-NETO, Reynaldo. **Aves Silvestres em Cativeiro: Considerações Gerais. Tráfico de 220 Aves**. O Curumim, n. 95, Abril/ 2000, p.4 -5. Disponível em: <http://www.polmil.sp.gov.br/unidades/cpfm/curumim/95/curumim95_pag4.htm> Acesso em: 02 de mar. 2016.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do estudo realizado pode-se concluir que:

- A feira de animais da sede municipal de Itiúba comercializa ilegalmente animais silvestres e que dentre os animais comercializados as aves são as mais comuns;

- As aves comercializadas pertencem a 18 espécies inseridas em oito famílias, uma ave não foi identificada;

- Dentre as aves comercializadas, a família Embelezidae é a mais frequente na feira e dentro desta destaca-se para o comércio, o gênero Sporophila;

- Existem valores diferenciados para venda das aves e dentre essas o Passo-preto e o Sabiá são os mais caros, pois são muito canoros;

- Dentre os animais comercializados na feira de Itiúba, nenhuma das espécies identificadas integram a lista de animais ameaçados de extinção do ICMBio 2014, contudo algumas são de interesse ecológico e outras ainda são sensíveis a ação humana aos ambientes naturais.

Por fim vale salientar que estudos realizados sobre como as pessoas lidam com o meio ambiente e conseqüentemente com os animais que ali habitam, podem contribuir para conscientização das comunidades e ajudar na preservação de gêneros ameaçados de extinção. Espera-se, com esses estudos, contribuir para o mapeamento de feiras ilegais de animais silvestres e para o conhecimento dessas práticas dentro do Bioma Caatinga.

5. ANEXOS



A revista ENCICLOPÉDIA BIOSFERA é um periódico de caráter semestral, publicado pelo Centro Científico Conhecer, direcionado à divulgação de pesquisas e estudos que possam contribuir para o conhecimento acadêmico.

COMUNICADO:

As revistas científicas do Centro Científico Conhecer terão serviço de informação.

Informamos que a Revista Enciclopédia Biosfera não mais publicará artigos de REVISÃO DE LITERATURA a partir da segunda edição de 2014. Adotando o modelo de periódicos internacionais, serão publicadas apenas revisões para assuntos específicos, mediante convite da Comissão Editorial e Científica.

Justificativa: As revisões são muito amplas e tratam de aspectos diversos de um mesmo assunto e nem sempre há uma concordância sobre a relevância do documento entre autores e avaliadores.

NORMAS PARA SUBMISSÃO DE TRABALHOS

1) Forma de apresentação: O Trabalho deverá ser apresentado de forma completa – Digitado em formato DOC (**não sendo aceito formato DOCX, PDF ou outro**), contendo Título, nome(s) completo(s) do(s) autor(es) (sem abreviações), e-mail do autor principal, incluindo instituição de origem, cidade e país.

2) O trabalho deve ter: resumo em língua portuguesa, palavras-chave (em ordem alfabética), Título em língua estrangeira, resumo em língua estrangeira (abstract), palavras-chave em língua estrangeira (keywords). O resumo deve ter o máximo de 250 palavras.

3) O artigo científico regular deve apresentar as seções: introdução, material e métodos, resultados e discussão, conclusão (se for o caso), agradecimentos (opcional) e referências bibliográficas. A revisão bibliográfica deve conter as seções: introdução, desenvolvimento, conclusão, agradecimentos (opcional) e referências bibliográficas.

Regras de formatação:

- corpo do texto justificado;
- espaçamento simples;
- margem superior e esquerda de 3 cm, margem inferior e direita de 2 cm;
- fonte: Arial 12;
- as páginas não devem ser numeradas;
- Artigo científico regular: mínimo de sete (7) páginas, máximo de 15 páginas;
- Revisão bibliográfica: mínimo de 15 páginas, máximo de 25 páginas.

4) Figuras: Deverão ser apresentadas em formato jpg, com resolução mínima de 300 dpi. Orientamos para que o trabalho tenha preferencialmente tamanho máximo de 1.000Kb. **As figuras devem informar a fonte.**

5) As situações não previstas devem seguir o que é determinado pelas normas da ABNT. É fundamental observar exemplo de trabalho dentro destas normas, disponível [aqui](#).

Importante:

Para as referências oriundas de artigos científicos, OBRIGATORIAMENTE inserir a URL e o número de identificação de DOI:

Exemplo:

VIJAYARAGHAVAN, K.; JOSHI, U. M. Hybrid Sargassum-sand sorbent: A novel adsorbent in packed column to treat metal-bearing wastewaters from inductively coupled plasma-optical emission spectrometry. *Journal of Environmental Science and Health, Part A*, v. 48, n. 13, p. 1685-1693, 2013. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/10934529.2013.815503>>.

doi:10.1080/10934529.2013.815503

6) São aceitos trabalhos nos idiomas: **português, espanhol e inglês.**

7) Para todas as publicações: devem conter, pelo menos, 60% das referências citadas sendo dos últimos cinco anos. Não citar trabalhos oriundos de resumos de congressos, teses e dissertações.

8) TRABALHOS QUE NÃO ESTIVEREM DENTRO DA FORMATAÇÃO INDICADA NO EDITAL PODERÃO SER RECUSADOS SUMARIAMENTE.

9) As submissões de trabalhos devem ser feitas durante o período de vigência do edital, obedecendo as regras do mesmo.

10) Trabalhos resultantes de pesquisa com pessoas ou animais devem informar o parecer do comitê de ética e número de registro. (esta informação pode ser enviada anexa ao trabalho)

11) Orientações para desenvolvimento do texto:

- Trabalho científico deve ser escrito de forma impessoal.

- Referências no texto devem constar na lista final e vice-versa.
 - **NÃO SÃO ACEITOS ARTIGOS DE OPINIÃO.**
 - Todos os artigos submetidos recebem resposta dos avaliadores e orientações para que os autores possam melhorar seus trabalhos (quando é o caso).
 - Parte de textos de terceiros que não é citada de forma correta é considerado como plágio e o artigo é recusado.
- 13) Orientamos para a utilização das normas NBR 6023 e NBR 10520 da ABNT.

Atenciosamente,

Profa. Ivonete Parreira
Presidente da Comissão Editorial e Científica

A revista ENCICLOPÉDIA BIOSFERA é um periódico de caráter semestral, publicado pelo Centro Científico Conhecer, direcionado à divulgação de pesquisas e estudos que possam contribuir para o conhecimento acadêmico.